



Estamos a perder a guerra contra o terrorismo?



**Clara
Almeida Santos**
Vice-reitora
da Universidade
de Coimbra

“ Ao contrário do que acontece nas guerras clássicas, não há clareza de delimitação em nada quando falamos de terrorismo. Não há um tempo concreto: o terrorismo existe há muitas décadas; o rosto do inimigo é em larga medida desconhecido – as organizações vão mudando; os campos de batalha podem ser qualquer lugar, real ou virtual. Todo o cenário de guerra tem as características deste nosso tempo: na fluidez, no hibridismo, no funcionamento em rede, na utilização de tecnologia disponível a todos. Isto andou a acontecer durante muito tempo e agora chegou até a terreno que consideramos ser “nosso”, atacando uma certa forma de viver. Renunciar a ela é perder a guerra.”



**Elisa
Ferreira**
Eurodeputada
do PS

“ Acho que não podemos pôr as coisas dessa forma. Conhecemos casos, por exemplo no Reino Unido, na Espanha e nos Estados Unidos, onde houve ataques terroristas violentíssimos antes dos mais recentes que tocaram a França e a Bélgica. Isto para só falar no continente europeu e nos Estados Unidos. No entanto, a aproximação a que assistimos em relação ao coração da Europa, nos últimos ataques, obriga-nos a pensar o combate ao terrorismo de uma forma muito mais organizada e profissional do que temos feito até hoje. Em particular, é impensável que a Europa seja um espaço de circulação livre entre os diferentes estados, sem que haja uma articulação totalmente estreita entre as forças policiais e serviços de informação. E sem que haja uma gestão comum e articulada das fronteiras externas. Se isto é verdade entre os diferentes estados da União, mais difícil é entender que países como a Bélgica tenham dificuldade em articular as diferentes forças internas.”



**Sebastião Fayo
de Azevedo**
Reitor
da Universidade
do Porto

“ Não estamos, nem a vamos perder, por duas razões principais: pelo imenso avanço atual da nossa civilização, expresso não só em valores humanos, como em desenvolvimento emocional, racional, científico e tecnológico, relativamente aos valores que os nossos agressores defendem e ao estágio de desenvolvimento em que se encontram; e porque estamos a ser agredidos em nossa casa, razão fundamental pela qual nós não ganhamos em África, os americanos no Vietname ou os soviéticos no Afeganistão. Vivemos tempos de imenso desafio para a Humanidade. Sem discussão, temos que reagir com firmeza máxima, fortalecendo o nosso sistema de defesa, nos serviços de informação e na ação policial, mas temos simultaneamente que refletir sobre a história das políticas do Ocidente no Mundo, desde logo, hoje, não confundindo bombistas com refugiados, como lembrou o cardeal-patriarca. Temos definitivamente que acelerar a procura de novas fontes de energia, isto é, diminuir a nossa dependência do petróleo.”